

BIBLIOTECA
DO
CIDADÃO

LIVRO NA RUA

Série
Escritores
Brasileiros

Clássicos



14

Bittencourt Sampaio

POESIAS

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição Gratuita

T
THESAURUS
Editora

Fontes de Alencar em Sergipe nasceu, na cidade de Estância (1933). É bacharel pela Faculdade de Direito do Recife e além de diversos trabalhos estritamente jurídicos escreveu *Liberdade: Teoria e Lutas* e recentemente publicou *História de uma polêmica*, pela Thesaurus Editora. É membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Em 1999 recebeu a Medalha João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras.

© Thesaurus Editora – 2005
Editor: Victor Alegria

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e se citada a fonte.

THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.
SIG, Quadra 8, Lote 2356 – CEP 70610-400 – Brasília, DF
Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353
End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br
Página na Internet: www.thesaurus.com.br
Composto e impresso no Brasil – Printed in Brazil

ANOTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA:

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio nasceu na cidade de Laranjeiras, da então Província de Sergipe, em 1º de fevereiro de 1834 e faleceu a 10 de outubro de 1895 na cidade do Rio de Janeiro. Estudou na Faculdade de Direito do Recife e na de São Paulo, onde terminou o curso jurídico. Os cronistas da antiga Academia do Largo de São Francisco registram sua presença marcante na vida acadêmica paulistana. Por esse tempo escreveu os versos de Quem sabe? e do Hino Acadêmico, peças que receberam músicas de Carlos Gomes. Informa Armindo Guaraná que ele interrompera em 1856 os estudos para acudir aos conterrâneos enfermos por ocasião da epidemia de cólera-morbo. Foi condecorado, em razão disso, pelo Governo Imperial com a Ordem da Rosa, “que não aceitou por incompatível com suas idéias políticas”. Em 1870 assinou, juntamente com Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Quintino Bocaiuva e outros, o Manifesto Republicano.

Foi Deputado Geral por sua Província de origem e Presidente da do Espírito Santo.

Poeta da segunda geração romântica, como Casimiro de Abreu e Pedro de Calasans, de Bittencourt Sampaio são os poemas de Flores Silvestres, A Divina Epopéia de João Evangelista e A Nau da Liberdade. Foi ele ainda tradutor de versos de Lamartine, Vitor Hugo e Longfellow.

(Fontes: Armindo Guaraná – Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano; Jackson da Silva Lima – História da Literatura Sergipana – volume II; Agripino Grieco – Evolução da Poesia Brasileira; Ramiz Galvão – O Poeta Fagundes Varela)

Ai! QUEM DERA!

Branca flor! ai! quem me dera
Da tua azul primavera
Doces perfumes sentir!
Ler-te as folhas delicadas,
Dos aromas perfumadas
Desses sonhos do porvir!

Ler tua sina, inocente!
E ao sol da vida presente
Os teus mistérios, ó flor!
E nesse brilho a candura
De um'alma singela e pura,
Estrela d'alva do amor!

Na primavera da vida,
Assim de branco vestida
És toda um anjo de Deus!
Ai! Quem me dera num canto
Revelar-te o fogo santo
Que consome os dias meus!

Iria já de mansinho
Dizer-te, como baixinho
Se diz de Deus a oração,
Todos os sonhos de enleio,
Que me lavra aqui no seio
A febre do coração!

E contar-te os meus ciúmes,
Como a rola os seus queixumes,
Como a lira o seu gemer!
E as noites tão mal dormidas!
E as esperanças perdidas
Somente por não te ver!

Ai! quem me dera a teu lado
Esquecer-me do passado,
Sonhando um céu no porvir!

Quem dera todas as dores
Poder trocar por amores,
Que tens, ó flor, a sorrir!

Quem dera ver-te, donzela,
Com o véu de noiva e capela,
E os olhos baixos no chão,
Dar-me de esposa um sorriso,
Prometendo um paraíso
Ao apertar-te a nítida mão!

E depois rubra de pejo,
Tremendo só por um beijo,
Linda, linda como a flor,
Ouvir-te ingênua: " Eu te amo!
Também de amores me inflamo,
Também suspiro de amor!"

Ai! quem me dera, donzela,
Ouvir-te meiga e singela

Dizer-me cousas assim!
Eu morrera então sonhando,
Doces canções modulando
Num devaneio sem fim!...

A CATIVA

A cativa chorou de pesares,
Porque as terras do Congo deixou,
Onde à sombra de verdes palmares
Noutro tempo cantando passou.
"Era lá mais feliz do que agora,
Rodeada e querida dos meus!"
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

De manhã inda o sol não se via,
Já chamava pra roça o feitor;
Mas primeiro rezar se devia
Porque manda da terra o Senhor.
E a cativa também nessa hora
Lá falava na língua dos seus!
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

Ao sol posto chorando ficava
Assentada na porta de trás;
Eu – menino – que dela gostava:
"Mãe Luiza sozinha que faz?"
O seu pranto dizia-me: "outrora

Fora livre vivendo entre os meus!"
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

E gostava de mim a cativa,
Porque eu dela gostava também;
Inda então minha mãe era viva,
Que saudades que o peito não tem!
Minha mãe me dizia que outrora
Fora livre Luiza entre os seus.
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

Me contou que Luiza nasceu
Como nasce a menina de cá;
Que depois um senhor a trouxera
Com mais outros pretinhos de lá.
Tirania é por certo esta agora
De roubar a filhinha dos seus!
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

O terreiro se enchia de gente
Nos domingos de tarde a folgar;
Lá se ouvia o tambor: "oh! - parente,
Vinde cá nossa dança dançar!"
Mas a pobre cativa que chora
Só se lembra do Congo e dos seus!
Esta vida que a triste deplora
Não permite, nem quer o meu Deus.

Bittencourt Sampaio

Quem disser que o cativo não ama
Mente a Deus que o universo criou;
Muitas vezes seu peito se inflama,
Liberdade lhe brada: “aqui estou!”

“Era lá mais feliz do que agora
Rodeada e querida dos meus!”

Esta vida que a triste deplora
Já não pode agradar muito a Deus.

Eis que um dia Luiza calada
Começou pelo campo a correr;
Se dizia que estava danada,
Todo mundo fugia de a ver.

Como fora a cativa de outrora
Tão saudosa distante dos seus!

Hoje é pena! que a triste nem chora,
Doida vive cantando, meu Deus!...

HINO À MOCIDADE ACADÊMICA

(Música de Carlos Gomes,
versos de Bittencourt Sampaio)

I

Sois da Pátria esperança fagueira,
Branca nuvem de um róseo porvir,
Do futuro levais a bandeira
Hasthada na frente a sorrir

Mocidade, eia avante, eia avante,
Que o Brasil sobre vós ergue a fé,
Esse imenso colosso gigante,
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,
Que o Brasil sobre vós ergue a fé,
Esse imenso colosso gigante,
Trabalhai por erguê-lo de pé.

II

O Brasil quer a luz da verdade,
E uma cr'oa de louros também:
Só as leis que nos dêem liberdade
Ao gigante das selvas convém.

Vossa estrela reluz radiante
Ó! segui vós todos com fé,
Esse imenso colosso gigante,
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,

III

É nas letras que a Pátria querida,
Há de um dia fulgente se erguer
Velha Europa, curvada e abatida,
Lá de longe que inveja há de ter!

Nós iremos marchando adiante,
Acenando o futuro com fé,
Esse imenso colosso gigante
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,

IV

Orgulhoso o bretão lá nos mares,
Respeitar-nos então há de vir,
São direitos sagrados os lares,
Nunca mais ousarão nos ferir.

Auriverde pendão fulgurante,
Hasteai-o mancebos com fé,
Esse imenso colosso gigante,
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,

V

São imensos os rios que temos,
Nossos campos quão vastos que são
As montanhas tão altas que vemos
De um futuro bem alto serão.

O futuro não vai mui distante
Já podeis acená-lo com fé,

Esse imenso colosso gigante
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,

VI

Nossos pais nos legaram guerreiros,
Honra e glória, virtude e saber
Nós os filhos de pais brasileiros,
Pela Pátria devemos morrer.

Mocidade, eia avante, eia avante,
Que o Brasil vos aguarda com fé,
Esse imenso colosso gigante,
Trabalhai por erguê-lo de pé.

Estrilho

Mocidade, eia avante, eia avante,

FLOR SINGELA

Que diz a linda florzinha,
Quando avista o beija-flor?
No prado sempre sozinha
Que vida leva de amor?
É segredo! – a flor singela
 Não revela,
Tem pudor.

Nasce a aurora no horizonte,
No prado sorri-se a flor,
A brisa que vem do monte
Falou-lhe acaso de amor?
É segredo! – a flor singela
 Não revela,
Tem pudor.

Cai a noite: a flor mimosa
Perde o brilho, perde a cor;
E n'astezinha chorosa
Suspira perdido amor!
É segredo! – a flor singela
 Não revela,
Tem pudor.

QUEM SABE ?...

(Modinha de Carlos Gomes,
versos de Bittencourt Sampaio)

Tão longe de mim distante
Onde'irá
Onde'irá teu pensamento?
Tão longe de mim distante
Onde'irá, onde'irá teu pensamento?
Quisera saber agora
Quisera saber agora
Se esqueceste, se esqueceste
Se esqueceste o juramento

Quem sabe se és constante
S'inda é meu teu pensamento!
Minh'alma toda devora
Da saudade, da saudade
Agro tormento

Tão longe de mim distante
Onde'irá
Onde'irá teu pensamento ?
Quisera saber agora
Se esqueceste, se esqueceste
O juramento

Quem sabe se és constante
S'inda é meu teu pensamento !
Minh'alma toda devora
Da saudade, da saudade
Agro tormento.

BOAS NOITES

Meigas flores gentis quem vos não ama?

G. DIAS

Ai! Flores do vale tão meigas se abrindo
De noute ao luar!
São alvos anjinhos deitados dormindo
Na terra a sonhar.

Florinhas mimosas
Por noutes calmosas
Que lindas que são!
Amantes da sombra, do sol esquecidas.
No vale cheiroso se ocultam perdidas
Em fresca soidão.

São silfos aéreos, das nuvens trazidos
Num raio de sol;
Orvalhos luzentes, da tarde caídos
Ao frouxo arrebol.

Gentis borboletas
Co'as asas abertas
Pasmadas pra o céu:
Ao sopro da brisa de leve voando
Se tocam, se beijam, se abraçam falando
De amores sem véu.

São pálidos gênios dos ares errantes
No fundo do val,
Proscritos na terra, da pátria distantes
Carpindo seu mal.

São noivas modestas
Fugindo das festas
Consigo a viver:
Donzelas formosas, de noite encantadas
Sonhando, morrendo de amores caladas
Sem nunca o dizer.

Vestais amorosas, por noite de estio,
Falando de amor
À brisa, às estrelas, ao fresco rocio,
Da lua ao palor.
Eu amo estas flores,
Que falam de amores,
Da noite no véu;
Singelas à sombra suave vivendo,
Não coram dos beijos da aurora nascendo
Nos planos do céu.

Do vale as florinhas que vida! Que sonhos!
Que amores que têm !
Seus cantos dulícos se perdem risonhos
Nos ares – além !

São liras divinas
Por mãos de meninas
Tangidas no ar !
Eu amo estas flores abertas ao vento,
Da noite tão alvas vivendo ao relento
Sorrindo ao luar.